

Análise Espaço-Temporal do novo território ocupado pela Feira Central de Campo Grande, no Estado de Mato Grosso do Sul – Brasil

Análisis espacio-tiempo del nuevo territorio ocupado por la Feria de Campo Grande, en Mato Grosso do Sul - Brasil

Marcela Paiva da Silva¹
Mercedes Abid Mercante¹
Vicente de Paulo da Silva²

¹ Mestrado em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional – Universidade Anhanguera- Uniderp/MS

² Mestrado em Geografia – Universidade Federal de Uberlândia/MG

Resumo: O trabalho tem como objetivo apresentar–espaço-temporal do novo território ocupado pela Feira Central de Campo Grande/MS – Brasil, entre os anos 2002 a 2009. A atenção à presença da feira, bem como, ao que foi submetida, se torna importante, pois a mesma, após negociações, foi realocada para outro endereço. Isso levou à alteração de paisagens e modificação de espaços geográficos em sua nova área de ocupação. Como efeitos dessa nova organização observam-se os processos de desterritorialização e reterritorialização, os quais têm promovido uma outra forma de usufruir do espaço da Feira . Metodologicamente, por meio de mapas e imagens, propõe-se verificar as mudanças ocorridas no espaço territorial ocupado pelo empreendimento, antes, durante e após a sua instalação. Posteriormente, averiguar como tais mudanças incidem diretamente na organização territorial do espaço, uma vez que nesse novo espaço percebeu-se uma revitalização de uma área, até então, inutilizada.

Palavras-chaves: Análise espaço-temporal, Territorialização, Feira Central de Campo Grande.

Resumen: El trabajo tiene como objetivo presentar el territorio del espacio-tiempo ocupado por el nuevo Recinto de la Ferial de Campo Grande - Brasil, entre los años 2000 y 2010. La atención a la presencia de la feria, así, a lo que se presentó, es importante ya que el mismo, después de las negociaciones, se trasladó a otra dirección. Esto condujo a un cambio de escenario y cambio de espacios geográficos en su nueva área de ocupación. Dado que el propósito de esta nueva organización se puede observar los procesos de expropiación y la recuperación, que han promovido otra manera de disfrutar del espacio de la Feria. Metodológicamente, el uso de mapas e imágenes, se propone para verificar los cambios en el territorio soberano ocupado por la empresa antes, durante y después de la instalación. Posteriormente, para determinar cómo estos cambios afectan directamente a la organización territorial del espacio, ya que este nuevo espacio vio la revitalización de un área no utilizada hasta ahora.

Palabras-clave: Análisis espacio-temporal, territorialización, Feria del Campo Grande.

1. Introdução

O processo de globalização da economia, aliado a uma intensificação do uso dos recursos naturais e mesmo industriais, vem transformando diversas paisagens e espaços territoriais no Brasil, ou seja, destruindo antigos territórios e reconstruindo novos em seus Estados e Municípios. Em Campo Grande, a inserção de grandes empreendimentos é inevitável devido ao seu significativo crescimento econômico no cenário nacional, em diversas atividades como a silvicultura, as indústrias de papel e celulose, a fabricação do etanol, entre outras.

Todo esse crescimento econômico pelo qual o Estado do Mato Grosso do Sul passa atualmente serve de palco para as inúmeras transformações relacionadas ao seu uso e ocupação do solo. Contudo, na maioria das vezes essa dinâmica ocasiona impactos na vida da população, que de alguma forma, se insere nos processos de construção, instalação e operação de grandes empreendimentos, tanto em áreas rurais quanto em urbanas.

As mudanças espaciais causadas por empreendimentos de grande porte podem atingir vários aspectos, como econômicos, políticos, sociais e ambientais. Dentro de tais aspectos cita-se a mudança drástica na vida das pessoas envolvidas, além de seus sentimentos atribuídos ao espaço territorial o qual ocupa, essa relação é definida como territorialidade.

O presente trabalho tem como objetivo realizar uma análise espaço-temporal do novo espaço ocupado pelo empreendimento da atual Feira Central de Campo Grande no Estado de Mato Grosso do Sul, cuja sede foi alterada em função de uma decisão que exigia a sua realocação. Neste sentido, a Feira passou pelo que aqui se chamará de um processo de desterritorialização e, conseqüentemente, pela sua retorririalização, ou seja, saiu de um lugar já tradicional para o campo-grandense e se instalou em outro local. Criou-se um novo território.

A problemática, proposta por este trabalho, apresenta uma discussão envolvendo o atual estágio de modernização do espaço e as conseqüências dessa nova reocupação territorial. O processo de modernização, levado a cabo por elites nacionais, locais ou regionais, tem promovido profundas alterações na dinâmica dos espaços urbanos ou rurais. Tais processos têm sido promovidos por uma política de incentivos aos grandes empreendimentos, os quais alteram a fisionomia das cidades, quer sejam pequenas, médias ou grandes.

São perceptíveis inúmeras mudanças relacionadas à população envolvida nesses processos. Citam-se alguns impactos sobre a população residente e do entorno como a alteração na rotina dos moradores, de hábitos e quanto à destruição e reconstrução de territórios, valorização e a reutilização de espaços até então considerados desvalorizados e inutilizados. A desterritorialização e a retorririalização são processos que ocorrem quando há mudanças, em termos territoriais, como é o caso da Feira Central de Campo Grande.

Por meio da mudança territorial a ser analisada a partir das alterações ocorridas no novo território ocupado pela Feira Central, é possível avaliar os aspectos positivos e negativos de tais alterações, sejam elas benéficas ou maléficas para os variados atores envolvidos nesta reconstrução. Através desse estudo, ou seja, avanços perceptivos atribuídos ao território, aliada à sua

simbologia, por parte dos atores envolvidos, seria possível valorar esse bem como item importante e significativo na vida das pessoas da cidade de Campo Grande.

Metodologicamente, o trabalho partiu da necessidade, mediante transformações agressivas de uso e ocupação do solo, de pontuar as alterações na paisagem, no decorrer de certo tempo, de um grande empreendimento, o qual sofreu os processos de mudança de território. Todo o estudo surgiu na realização de estágio supervisionado que contribuiu, sobremaneira, para o aprofundamento de questões teóricas importantes ao trabalho a ser apresentado ao Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional da Universidade Anhanguera/UNIDERP MS.

A partir da participação na disciplina Efeitos Socioespaciais de Grandes Empreendimentos, ministrada no Programa realizaram-se outras atividades complementares como leituras, participação em palestras e visitas técnicas na cidade de Uberlândia para fins de fundamentação teórica para pesquisa científica, tendo por objetivo atender aos propósitos tanto da referida disciplina quanto da própria dissertação.

O trabalho terá como base a utilização do software Google Earth 6.0, a partir do uso das imagens datadas nos anos de 2002, 2006 e 2009 do território antes, durante e após a ocupação do empreendimento. Com esse registro de imagens históricas é possível a visualização e percepção das alterações de paisagem e as novas ocupações do uso de solo em questão.

2. Caracterização da Área de Estudo

A área para a análise proposta é o território ocupado, as construções e do entorno da Feira Central de Campo Grande. A tradicional Feira Central antiga da cidade, considerada um Centro Comercial não planejado, popularmente conhecida como "feirona", era composta por 377 barracas ocupando uma área de aproximadamente 2,1 mil metros quadrados (LIMA et. al., 2008). Era localizada no ponto central da cidade. Além de frutas, legumes e verduras, os visitantes também podiam adquirir produtos eletrônicos, roupas e artesanatos. Recebia cerca de 20 mil pessoas às quartas-feiras e nos finais de semana, contudo após decisão em conjunto do executivo municipal com o comprador do terreno paralelo onde a Feira ocorria, a mesma foi deslocada para um novo endereço.

A necessidade da mudança de endereço da Feira Central ocorreu devido à compra de um terreno, até então vazio, em uma das avenidas mais movimentadas e populares da cidade de Campo Grande. O espaço territorial foi comprado pela Igreja Universal do Reino de Deus, com o objetivo de se construir o maior templo religioso da cidade. O custo estimado da construção ficou em torno de R\$ 12 e R\$ 15 milhões. Com 7 mil metros quadrados, a catedral tem capacidade para abrigar 4 mil fiéis. O local possui estacionamento com capacidade para 500 carros, um número insuficiente para a quantidade de pessoas esperadas para o culto (Jornal O Verbo - Notícias Cristãs, 12/02/2008).

Somente o terreno custou por volta de R\$ 3,8 milhões. A Feira funcionou na Rua Abraão Júlio Rahe por 40 anos (Midiamaxnews, 12/02/2008). Diante disso, percebe-se que houve grande interesse por parte da instituição compradora do terreno, onde se localizava a Feira Central de Campo Grande, que a mesma fosse transferida para outro espaço territorial.

Após negociação com a Prefeitura Municipal ficou definido o novo endereço da Feira Central. A mudança ocorreu em 2004, quando a estrutura física da obra da nova Feira ficou pronta. Diante disso, os feirantes tiveram que se transferir para seu novo destino de trabalho, juntamente com todo o seu público de visitantes. Contudo, há registro que houve reuniões com todos os envolvidos, mediada por representantes da Prefeitura, com o intuito de “amenizar” os efeitos dessa mudança, e gerar acordo.

Atualmente instalada na esplanada da antiga estação ferroviária, localizada na Rua 14 de Julho, número 3351, é considerada um centro comercial planejado. O local abriga barracas de comida pronta para consumo, hortifrutigranjeiros, armarinhos, artesanato e importados. O centro comercial ocupa uma área de 13 mil metros quadrados, sendo 8,5 mil m² cobertos. A nova área conta com estrutura sanitária adequada, redes de água e esgoto, iluminação e espaço para eventos. A área de circulação de visitantes, que anteriormente era de quatro metros de largura, passou para seis metros (Unidade de Planejamento Urbano de Campo Grande - PLANURB, 2005).

Nos aspectos que norteiam a territorialidade modificada através da implantação da Feira Central de Campo Grande em seu novo endereço, é possível avaliar a significância e as consequências ocorridas na rotina dos moradores e dos comerciantes do entorno após a instalação da mesma na região. É sem dúvida a partir das mudanças ocorridas no território que novos valores surgem no entorno imediato. A mudança se materializa com as novas territorialidades que surgem, tais como: novos locais para estacionamento, locais para eventos, comercialização e lazer, além do valor simbólico atribuído ao empreendimento.

3. Abordagem Teórica: Território

Uma das características do sistema capitalista, dito moderno, no Brasil, é a inserção de grandes empreendimentos em todo o território nacional como forma de garantir o chamado Progresso. Por meio de investimentos nacionais e estrangeiros, o País estimula, apóia e viabiliza obras significativas com o intuito de aumentar o potencial econômico do País. Em sua maioria, tais empreendimentos ocupam extensas áreas de terra, e com isso modificam não apenas a paisagem, mas também a economia local e a vida da população do entorno. Neste sentido, é passível o questionamento quanto ao significado da palavra Progresso: crescimento econômico? E então outra questão se faz importante: crescimento econômico, de quem?

Em relação à mudança expressiva que ocorre no âmbito dos aspectos sociais - o foco da presente pesquisa - com a implantação de uma grande obra, é possível que ocorram pontos divergentes, entre a função da obra em si e as

consequências disso na rotina das pessoas que provavelmente serão retiradas de suas casas, alterando seu modo de vida. Segundo Martins (1993):

Os grandes projetos contribuirão decisivamente para despertar o demônio da política, adormecido na alma dos humilhados e desvalidos da terra, que põe em questão mais do que esses projetos – põe em questão o direito de propriedade (tal como está formulado, em função dos interesses do grande capital rentista e especulativo) e as relações de poder, de que os grandes projetos são o produto corrosivo.

Na maioria das vezes, o povo é surpreendido pelos grandes empreendimentos, pois não esperam que suas vidas venham ser ameaçadas pelo progresso, e ficam à mercê de negociações daqueles que detêm o poder. De fato, o lucro é um dos pontos importantes na decisão por uma obra de grande porte, sejam elas para o abastecimento energético, para o uso de matérias primas, para a fabricação de combustíveis, para o aumento do consumo no comércio, entre outros, todas de certa forma, trazem a “bandeira” de uma vida nova, em suma, do desenvolvimento econômico, da geração de empregos e distribuição de renda.

Geralmente nas negociações que norteiam os grandes empreendimentos, as questões que pertencem ao povo são as menos argumentadas e discutidas. As necessidades econômicas, a questão da perda e mudança ou alteração de território que acometem a população envolvida são vistas como menos importantes ou até insignificantes, por parte dos governantes e investidores, diante das consequências positivas da obra.

A ligação de todo ser humano com seu espaço geográfico está de fato vulnerável a ações externas de cunho político-social de terceiros, variando de objetivos e formas para seu uso. De fato, necessita-se de uma definição de território apropriada para a proposta de pesquisa em questão.

Para Raffestin (1993), é essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. O autor ainda complementa dizendo que o território, nessa perspectiva, é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder.

Se o espaço que se ocupa, e conseqüentemente o território, expressa poder, todos são poderosos em seus dignos domínios. Contudo, percebe-se que esse poder não pertence a todos, mas sim a uma minoria de mandantes, ocupantes de cargos ditos respeitosos, os quais, apoiados no atual sistema econômico, fazem uso de iniciativas de desenvolvimento econômico em prol de seus próprios interesses.

O poder expressado por Raffestin não pertence a todos, porém o conceito de território se estende a mais aspectos. De acordo com Santos e Silveira (2008) território entende-se geralmente a extensão apropriada e usada. Mas o sentido da palavra territorialidade como sinônimo de pertencer àquilo que nos pertence, esse sentimento de exclusividade e limite ultrapassa a raça humana e prescinde da existência de Estado. Ou ainda, é construído na complexidade entre o material e imaterial, funcional e simbólico.

Percebe-se que a territorialidade está ligada ao território. Raffestin (1993) diz que a vida é tecida por relações, e daí a territorialidade pode ser

definida como um conjunto de relações que se origina num sistema tridimensional sociedade-espaço-tempo em vias de atingir a maior autonomia possível, compatível com os recursos do sistema. A territorialidade pode ser entendida como algo abstrato, pois a ela pertence toda a simbologia, ou as relações invisíveis, atribuídas a um território.

Ao enfatizar o domínio das relações imateriais, que prescindem de bases materiais, de acordo com Haesbaert (2006) o território é visto antes de tudo como o espaço concreto em que se produzem ou se fixam os processos sociais. Entende-se então que as questões que norteiam a territorialidade são significativas em âmbito social, ou seja, fazem parte da vida das pessoas.

Todo processo de desterritorialização exige um processo de retorririalização. Ou seja, desconstruir e reconstruir territórios são algo pertencente ao processo de globalização que atua firmemente e avança cada vez mais sobre os espaços geográficos. Tais processos incidem diretamente em algo chamado de identidades territoriais.

4. Análise e Discussão dos Resultados

Por meio das imagens retiradas do registro de imagens históricas do software Google Earth 6.0 foi possível a visualização das alterações do uso e ocupação do solo, causadas pelo empreendimento.



Figura 1 - Território ainda não ocupado pelo empreendimento da Feira Central em 03/04/2002.
Fonte: Banco de dados do Registro de Imagens Históricas, disponível em Google Earth 6.0

A imagem 1, registrada em 03/04/2002, mostra o território antes da vinda do empreendimento da Feira Central. Percebe-se que havia uma grande e

vasta área destinada aos trilhos e vagões pertencentes à Estação Ferroviária de Campo Grande, a qual foi construída em 1909, porém ainda ativa para o escoamento de produtos e cargas.

Do lado esquerdo da imagem, percebe-se uma grande área verde, até então inutilizada antes da instalação do empreendimento. Essa área era destinada a pequenos proprietários agricultores. Em frente a esta área, nota-se uma vila pouco povoada com ruas ainda sem asfalto, com a presença relevante de árvores.

Do lado direito da imagem, visualiza-se a antiga vila dos ferroviários, considerada um patrimônio da cidade devido sua importância histórica, diante disso é provável que sua estrutura não seja alterada. Contudo, em frente da vila, nota-se casas e construções antigas com quintais extensos de área verde não construída, característica essa de ambientes ditos rurais e de pouco acesso, porém esse território já é considerado área central e urbana de Campo Grande, devido ao avanço da investimentos e também da vinda da Feira Central, pois o volume de pessoas que a mesma recebe é significativo à economia da cidade.



Figura 2 - Território recém ocupado pelo empreendimento da Feira Central em 19/04/2006.

Fonte: Banco de dados do Registro de Imagens Históricas, disponível em Google Earth 6.0

Já a imagem 2, registrada em 19/04/2006 mostra o empreendimento já instalado e algumas alterações inicializadas. A estrutura grande da construção na cor amarela do empreendimento tomou o lugar da área antes inutilizada, seja pelo poder público ou privado. Os trilhos tiveram de ser removidos e a linha férrea realocada, e com isso houveram outras iniciativas para tornar o prédio onde eram vendidas as passagens ferroviárias da cidade, deu espaço a um excelente local para a realização de eventos culturais.

Do lado esquerdo da imagem percebe-se que a rua da frente da vila, está preparada para ser asfaltada. Diante disso, pode-se afirmar que a vinda do empreendimento possibilitou melhor acesso a comunidades até então, com dificuldades para se descolarem.

Do lado direito da imagem, percebe-se que grande parte das casas já está com quintais menores, com mais construções a frente da Feira Central. Predominam-se casas e estabelecimentos comerciais. Nota-se que o fluxo de veículos é maior.



Figura 3 - Território ocupado pelo empreendimento da Feira Central em 08/10/2009, após cinco anos de sua instalação.
Fonte: Banco de dados do Registro de Imagens Históricas, disponível em Google Earth 6.0

Na imagem 3, registrada em 08/10/2009, cinco anos após a instalação do empreendimento da Feira Central, nota-se que a vila dos ferroviários permanece igual devido ao seu valor histórico-cultural, porém a estrutura do entorno está bem modificada, com mais construções e maior fluxo de pessoas e veículos, contudo percebe-se que a arborização não foi totalmente exterminada, mas sim, em partes mantida.

5. Considerações Finais

A análise espaço-temporal realizada sobre o novo território ocupado pela Feira Central de Campo Grande é significativa e importante para os variados atores envolvidos e atingidos pelo processo. Os aspectos percebidos que

norteiam a reconstrução de um novo território, foram mais pontos positivos do que negativos. Percebeu-se que com a mudança de endereço, o empreendimento perdeu algumas características relevantes como o fato de não ser mais nômade e sim, fixa em um espaço somente seu, porém com melhor infra-estrutura e segurança.

Sua importância é relevante devido ao crescimento econômico provocado, após sua instalação, à região, até então desvalorizada e inutilizada. Diante das imagens concluiu-se que grande parte da arborização existente foi mantida, além de trazer novos investimentos e oportunidades de emprego, apresentando maior valorização de imóveis do entorno. É necessário mais investimentos para que se aumente a capacidade de suporte da Feira Central devido ao grande volume de pessoas que visitam o empreendimento, pois a região em questão deve ser estimulada ao crescimento e desenvolvimento econômico.

6. Agradecimentos

Ao Programa Nacional de Cooperação Acadêmica - PROCAD, instituído e com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, foi possível a realização de estágio supervisionado no Laboratório de Planejamento Urbano e Regional – LAPUR na Universidade Federal de Uberlândia – UFU.

7. Referências Bibliográficas

MARTINS, J. De S. **A Chegada do Estranho**. Universidade de São Paulo: Editora Hucitec, 1993

BEZERRA, A. C. A. et. al. ARAÚJO, F. G. B. & HAESBAERT, R. (org.). **Identities e Territórios: Questões e Olhares Contemporâneos**. Rio de Janeiro: Access, 2007.

OLIVEIRA, R. A. **Histórias e Tradições** – Comunidade Imigrante Japonesa Várzea Alegre. Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal - UNIDERP. Campo Grande: 2006.

RODRIGUES, C. H.; FORATO, S. **Feira Central: O Rumo de uma Cultura**. Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal - UNIDEP. Campo Grande: UNIDERP, 2002.

SILVA, V. F. **Proposta de Revitalização da Feira Central para Melhor Desenvolvimento do Turismo Local**. Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal - UNIDERP. Campo Grande: UNIDERP, 2003.

LIMA FILHO, D. de O. **Centro Comercial Planejado ou Centro Comercial Não Planejado?** A Opinião dos Consumidores da Feira Livre. XXVIII Encontro Nacional de Engenharia da Produção – A integração de cadeias produtivas com abordagem da manufatura sustentável. Rio de Janeiro: 2008.

Jornal O Verbo – Notícias Cristãs. **Igreja Universal Inaugura Templo Maior no Sábado em Campo Grande/MS.** 12 de Fevereiro de 2008. Disponível em: <http://www.overbo.com.br/portal/2008/02/12/5837/>. Acesso no dia 16.09.10

Midiamaxnews – O Jornal Eletrônico de Mato Grosso do Sul. **Megatemplo Traduz Ostentação da Igreja Universal.** 12 de Fevereiro de 2008. Disponível em: <http://carlosaqueiroz.blogspot.com/2008/02/brasil-ms-megatemplo-traduz-ostentao-da.html>. Acesso no dia 16.09.10

MARTINS, J. de S. **A Chegada do Estranho.** Editora Hucitec, São Paulo: 1993.

RAFFESTIN, C. **Por Uma Geografia do Poder.** Editora Ática, São Paulo: 1993.

MARQUES, R. C. Sobá: **Patrimônio Imaterial de Campo Grande/MS.** Publicado no Recanto das Letras em 22/07/2009. Código do texto: T1714018

Diário Oficial de Campo Grande – **DIOGRANDE.** Ano IX – nº 2.101 – quarta-feira, 19 de julho de 2006. Disponível em: www.prefeituradecampogrande.com.br/.../downloadFile.php. Acesso dia 19.09.10

COSTA, B. P. **As Tênuas Apropriações no Espaço Urbano: Microterritorialização em Parques e Praças em Porto Alegre – RS.** Porto Alegre: 2005.

LE GOFF, J. **História e Memória.** Editora da Unicamp, São Paulo: 1992.

SANTOS, M. e SILVEIRA, M. L. **O Brasil: Território e Sociedade no Início do Século XXI.** 10ª edição – Rio de Janeiro: Record, 2008.

TEIXEIRA, R. **Cultura de Okinawa:** sucursal Campo Grande. Campo Grande/MS, 2006. Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/overblog/cultura-de-okinawa-sucursal-campo-grande>. Acesso dia 15.10.10

Software **Google Earth**, versão 6.0